

■ CAPÍTULO 2 ■

HUSSERL E A VIVÊNCIA INTENCIONAL

Este capítulo aborda alguns temas centrais à fenomenologia de E. Husserl, como a noção de intencionalidade e de mundo vivido. Trata também da sua crítica à noção de objeto imanente de Brentano, pois isso ajudará ao aluno entender o que está em jogo na concepção husserliana das vivências da consciência.

“Voltar às coisas mesmas.”



Edmund Husserl

Edmund Husserl, o mais importante aluno de Brentano e reconhecidamente o pai da fenomenologia, nasceu em 1859, em Proznitz, na Moravia, província da República Checa. Atraído pelo rigor da matemática desenvolveu seus estudos em Leipzig, Berlim e Viena. Suas primeiras publicações mostram seu interesse pela fundamentação da matemática. Seu livro mais conhecido dessa época juvenil intitula-se *A filosofia da aritmética*, publicada em 1891. Porém, seu encontro com Brentano por volta de 1884 já jogara sobre ele o encanto da filosofia. Ora, Brentano era não só um erudito que conhecia os gregos e os medievais, mas tinha também preocupações com o rigor científico e a ânsia pela verdade. Husserl retomou então a concepção grega e cartesiana de que a filosofia é o único saber capaz de fundar cientificamente todos os outros saberes. Nesse sentido, o que Husserl fará durante toda a sua vida intelectual consistirá num projeto semelhante ao de Descartes, isto é, o de refinar a filosofia de modo a torná-la a mais rigorosa das ciências.

Husserl seguiu esse plano de trabalho desde os tempos em que fora professor em Halle (1900), quando passou a publicar seus livros filosóficos mais importantes; passando pelo período da Universidade de Freiburg (1916), onde se tornou mestre de Heidegger, até 1930 quando foi demitido pelo anti-semitismo reinante na Alemanha. Morreu em 1938, deixando uma vastíssima obra e inúmeros discípulos que se espalharam pelo mundo. Husserl escreveu tanto que anos depois de sua morte parte de sua obra ainda permanece inédita nos famosos *Arquivos Husserl de Louvain*.

Husserl, E. *Investigaciones Lógicas*, Madrid: Revista de Occidente S. A., 1976. Abreviaremos essa obra com o signo IL, seguido do número da página.

A obra mais importante de Husserl tem o título de *Investigações lógicas* (1900). O motivo dessa fama se encontra no próprio

título. Ora, a lógica trata da verdade. Mas essa verdade só pode ser tematizada pela filosofia da lógica. A reflexão sobre esse assunto, desde a época dos gregos, é então central. O problema é que a lógica muitas vezes aparece misturada com outras atividades. Ou seja, se se quiser estabelecer as bases de todo empreendimento científico, então deve-se depurar a lógica de todo tipo de relativismo e arbitrariedade. No tempo de Husserl esses empecilhos vinham principalmente da psicologia. Se o esforço de Brentano consistiu em retirar a psicologia do associacionismo, do empirismo e do idealismo, a tarefa husserliana foi de purificar as bases lógicas do conhecimento depurando-o dos preconceitos psicológicos. Essa correção, porém, tem de recorrer a conceitos filosóficos. Daí já se pode entender que os passos dados por Brentano na reabilitação do conceito de intencionalidade da consciência se encontram na base do projeto husserliano. Ou seja, a depuração da lógica exige uma filosofia como ciência estrita, não desta ou daquela especialidade ou setor, mas uma ciência das essências. Mas para chegar a isso, **Husserl teve de levar a cabo o empreendimento de afastar a forma do conhecimento** da matéria do conhecimento, isto é, teve de revisar os pressupostos com os quais concebera suas primeiras obras. No prefácio das IL ele destaca seu engano em partir da concepção de que poderia encontrar na psicologia a explicação para a lógica das ciências dedutivas, tal como desenvolvera na primeira parte da sua *Filosofia da Aritmética*, pois o ponto de partida psicológico não resultava em clareza e evidência que pressupõe toda fundamentação. Diz ele:

Deste modo começou a vacilar todo o meu método, que se sustentava nas convicções da lógica imperante – explicar logicamente a ciência dada mediante análise psicológica – e me vi impelido de modo crescente a fazer reflexões críticas gerais sobre a essência da lógica e principalmente sobre a relação entre a subjetividade do conhecer e a objetividade do conteúdo do conhecimento (IL, p. 22).

Ou seja, para dar conta de seus erros ele teria de buscar uma nova fundamentação da lógica pura e da teoria do conhecimento. E isso significava varrer de vez todas as formas não só de psicologismo como de antropologismo. **E a solução desses problemas envolveria a aplicação do método fenomenológico**, pois “levar

as idéias lógicas, os conceitos e leis, à clareza e distinção epistemológicas, eis onde se insere a análise fenomenológica” (IL, p. 218). Esse projeto ficará de pé até os derradeiros escritos husserlinanos que em seu livro *A crise da humanidade européia* mostrava que enquanto não se atingisse uma fundamentação precisa das ciências empíricas o homem não poderia superar seus dilemas, pois crise é basicamente falta de fundamentação.

A rejeição do psicologismo a partir da fenomenologia como ciência rigorosa levou Husserl a acentuar o dinamismo da consciência que com seus atos intencionais não pode ser paralisada por um sistema fechado. Por isso, a fenomenologia estará sempre na busca da essência das coisas, isto é, ela, assim como fez com os preconceitos do psicologismo, terá de limpar o terreno de tudo aquilo que se interpõe a essência das coisas. Desse modo, a palavra de ordem “voltar às coisas mesmas” significa uma *limpeza do terreno que se interpõe entre a consciência e as coisas*. E, sob a influência de Brentano, isso se aplica não só à lógica, mas a todo âmbito das emoções ou sentimentos, pois o mundo vivido não é feito apenas de teorias, mas de tonalidades afetivas, como a tristeza, a alegria, o amor, o ódio, etc. A filosofia, portanto, é basicamente fenomenologia. Isto é, o estudo daquilo que na consciência intencional se mostra em si e por si mesmo. Portanto, se há algum fundamento este só pode se encontrar na intencionalidade da consciência, ou em outras palavras, nos atos ou vivências da consciência.

Essa limpeza na lógica é, portanto, formular essa última livre de influências da psicologia e da antropologia. Porém, não há só a lógica, um espaço também é reservado aos sentimentos. As vivências da consciência constituem a lógica e os sentimentos.

Ora, pelo visto, a tarefa de uma fundamentação da lógica pura levou Husserl para muito além da lógica, pois como afirma Thomas R. Giles: “O fenomenólogo não procura saber, como faz o lógico, sob quais condições um juízo é verdadeiro; ou como o sábio que pergunta se é verdade que...; ou como o psicólogo que quer saber o que se passa realmente na consciência. O fenomenólogo pergunta apenas qual o significado daquilo que temos no espírito quando julgamos, afirmamos, sonhamos, vivemos”. O que quer dizer isso senão que o fenomenólogo lida com o que imediatamente se mostra à consciência? Ou seja, lida com o que **antes de qualquer mediação** já está à mostra à consciência, não como um mundo objetivo e natural, mas como ato intencional. O sentido do mundo é, portanto, uma doação da consciência intencional, mas

não porque o fenomenólogo o quer, e sim pelas coisas mesmas. O que já está sempre à mostra, portanto, não são os objetos das ciências naturais, mas as essências ideais que, aliás, *“só são alcançadas por uma intuição pura antes de toda reflexão e juízo”*. No entanto, há diversas espécies de coisas que, como sabemos, dizem respeito às emoções como também aos axiomas. Ou seja, a cada coisa corresponde uma experiência de evidência. A experiência da evidência quer dizer a adequação entre o que aparece e o ato em que ele aparece. Há, portanto, um hiato aqui, pois caso contrário a consciência seria um mundo fechado, auto-suficiente e acabado. A intuição tem, portanto, de ser preenchida pela intenção, o que remete a fenomenologia da consciência interna do tempo. Diferentemente, na evidência apodítica, como a dos axiomas, há uma perfeita adequação entre o intuído e o intencionado. A noção de intuição é então decisiva, pois ela permita um maior afastamento do mundo natural e empírico. E, para Husserl, destacam-se duas delas: a intuição categorial e a intuição eidética. A intuição categorial sempre implica na intuição dos elementos sensíveis componentes do juízo e, portanto, envolve o âmbito da percepção, pois o fato se apresenta diretamente de modo categórico. Já na intuição eidética alcança-se a essência enquanto tal, prescindindo do fato. Por exemplo, a afirmação “Paulo é triste”, categoricamente não se pode dispensar a vivência imediata da tristeza de Paulo, mas há outro passo mais importante, apanhado pela intuição eidética, que consiste em reduzir a tristeza à sua essência. Isto é, em distinguir ou fazer a redução da tristeza ao que efetivamente a define como tal. Mas se a intuição eidética das ciências formais é mais segura, já não o é para o âmbito das emoções e dos sentimentos, pois a descrição ou a “redução” do amor, do ódio, alegria, ciúme, medo, etc. às suas essências requer, por parte do fenomenólogo, até mesmo destrezas literárias, como foi o caso de Jean-Paul Sartre.

Giles, T. R. *História do existencialismo e da fenomenologia*, São Paulo: EDUSP, 1975, p. 137.

A intuição eidética corrige fenomenologicamente o platonismo eliminando a hipostasiação das essências, pois, como vimos, estas são atos intencionais e não estado de coisas ideais ou naturais. Não há mais lugar aqui para o mundo das essências inefáveis e tampouco para o mundo natural.

O mundo vivido é aquele
 dado pela nossa consciência
 intencional, não algo externo
 a nós. O mundo natural,
 aquele que consideramos fora
 de nós, na verdade, assim
 nos é possível de conceber
 porque a nossa consciência
 intencional assim o permitiu.
 É ela que nos diz como vemos
 o mundo e não que há um
 mundo exterior a nós; essa
 percepção de exterioridade
 é possível pela nossa
 interioridade.

O mundo natural é, porém, a ilusão mais entranhada na nossa vida cotidiana. Ele aparece como o mais real, mas é apenas uma sedimentação do mundo vivido. Ou seja, tomamos cotidianamente o mundo como algo natural, mas isso é uma ilusão; *resta à filosofia fenomenológica desentranhar o mundo vivido do natural e assim mostrar que este efetivamente surge daquele*. Filosofar é, mais uma vez, inverter o mundo. Ou melhor, inverter a inversão.

Está fora de nosso propósito, expor os desdobramentos da fenomenologia de Husserl que o levaram a certa reaproximação com o idealismo transcendental kantiano, mas essa é apenas uma aproximação, pois o seu afastamento do mundo natural não significa a distinção entre dois mundos, o transcendental e o empírico, que, por sua vez, estabelecem a distinção entre entendimento e sensibilidade. Ora, Husserl rejeita tanto a ingenuidade de um mundo natural, como a noção de um sujeito transcendental puro e independente do conteúdo das vivências. O “eu transcendental” husserliano não é vazio, mas determinado e orientado pelos atos intencionais. Ou seja, embora Husserl tenha se afastado de algumas de suas posições iniciais, o mundo vivido é ainda feito de intencionalidade, isto é, é um mundo constituído pelas vivências intencionais da consciência.

E é aqui que Husserl se afasta de Brentano recusando a noção de objetos imanentes à consciência. Aliás, a unidade da consciência não pode dispensar a diversidade das suas ações intencionais: o fluxo das vivências. Ora, o fluxo das vivências da consciência só é possível pelo hiato entre a intenção e a sua implementação ou preenchimento. Com isso, o objeto intencional transcende a intenção. Há, portanto, uma distinção entre significação e objeto. Nas palavras de Stegmüller:

O que está presente de modo vivido é, exclusivamente, o próprio ato intencional. Aqui reside o fundamento da distinção entre significação e objeto: os atos são vivências do significar; a significação está exatamente na vivência do ato, enquanto que o objeto intencional é transcendente à vivência. O objeto intencional pode faltar sem que algo se altere no ato e, por consequência, no caráter significativo do ato. (Stegmüller, op. Cit., p. 68)

Por exemplo, “Pedro morreu” ou “A chuva acabou”, etc. Ou seja, Pedro e a chuva já não existem, mas as sentenças continuam tendo

sentido. A crítica de Husserl a Brentano pode ajudar a entender melhor a noção de vivência e seu desdobramento no conceito de mundo vivido. Vejamo-la então mais de perto.

Um resumo da doutrina husserliana da significação foi feito por Bochenski nestes termos:

A crítica precedente - um dos maiores enriquecimentos da filosofia do século XX e, ao mesmo tempo, um retorno aos grandes pensamentos ontológicos da Antiguidade e da Idade Média - serve de fundamento à tese de que a lógica possui domínio próprio, a saber, o domínio das significações. Quando compreendemos um nome ou uma proposição, o que uma ou outra expressão enuncia não é propriamente o equivalente de uma parte do ato intelectual correspondente. É, antes, a significação. Diante da diversidade infinita das experiências individuais, há sempre que nestas é expresso, um Idêntico no sentido estrito da palavra. Mas o termo “expressar” é equívoco. Podemos distinguir nele pelo menos três funções diferentes: 1) o que a expressão “põe de manifesto” (a saber, o psíquico, as vivências psíquicas); 2) o que “significa”, com uma nova distinção: a) o sentido, o conteúdo do conceito, e b) o que o termo designa. Por último, Husserl distingue entre os atos que atribuem a significação (*bedeutungsverleihende Akte*) e os atos que a preenchem (*bedeutungserfüllende Akte*). Estes últimos conferem ao ato a plenitude intuitiva; os primeiros contêm unicamente o essencial da expressão, mas não subministram “preenchimento” intuitivo da intenção de significação. (<http://www.consciencia.org/husserlbochenski.shtml>).

O conceito de intencionalidade, como se viu, é chave para a fenomenologia. Em Husserl, porém, ela deve ser entendida basicamente como vivência intencional, pois só com esse conceito se poderá mostrar que nem todas vivências são intencionais, como é o caso das sensações. Em IL, na quinta investigação, ele trata mais detalhadamente desse assunto: “Sobre as vivências intencionais e seus ‘conteúdos’” é um capítulo que lança luzes sobre esse tema tão caro ao seu pensamento.

Um das dificuldades que logo aparecem no projeto husserliano é a plurivocidade do termo “consciência” à medida que ele é, como se sabe, empregado indiscriminadamente na filosofia, psicologia e na linguagem ordinária. Nesta é comum falar-se assim: “Ele não teve consciência de seus atos”, “Pedro recobrou a consciência”, “A consciência culpada de fulano”, etc. Ora, a ambigüida-

de que atinge um conceito tão caro à fenomenologia tem de ser eliminada, pois se se quiser buscar os fundamentos seguros para todo o saber deve-se assegurar a unidade da consciência. Husserl faz então tentativas de “redução” da palavra consciência, isto é, tentativas fenomenológicas de “colocar entre parênteses” esse fenômeno visando reconduzi-lo à sua essência. O que significa isso senão que, com a noção de vivência intencional, se trata de limpar a consciência dos preconceitos e impurezas psicológicos, ou seja, o avanço das investigações lógicas pressupõe a eliminação da referência a realidades mentais ou físicas. Ou nas palavras de Husserl: “Vê-se finalmente, pois, que tomam o caráter de reflexões metódicas de eliminação que apartam o que é objeto de uma percepção e posição transcendente, para destacar o que pertence à vivência mesma por seu conteúdo real essencial. A vivência é então uma vivência fenomenológica pura, pois eliminou-se também sua percepção psicológica” (IL, p. 495, n. 12).

Essa tentativa que entenderá a **consciência como vivência intencional**, ou seja, de que o que Brentano chamava de fenômenos psíquicos só o são pela atividade de uma consciência e de que o carecesse dessa vitalidade seria simplesmente incapaz de representá-los objetivamente, isto é, seria incapaz de referir-se em atos a objetos e, portanto, de julgá-los, amá-los, odiá-los, apreciá-los, etc. A noção de vivência que já se encontrava na animosidade aristotélica é recolhida por Brentano e exponenciada pela fenomenologia husserliana. O que é vivência senão a vida? Só que não é uma vida insuflada por alguma entidade metafísica externa, como Deus ou um primeiro motor ou o espírito do mundo, pois, “Não há nenhuma diferença entre o conteúdo vivido e a vivência mesma” (IL, p. 479). Há aqui uma similaridade com o pensamento aristotélico-tomista de Brentano, pois, a forma mais elaborada da vida está no mundo psíquico que, aliás, precisa agora ser fenomenologicamente ainda mais purificado para que se encontre a sua essência na unidade da consciência entendida como vivência intencional. Poder-se-ia ironicamente dizer que as reflexões filosóficas sobre esse tema, ao fim e ao cabo, chegariam como resultado final àquilo que está no começo, pois viver é basicamente julgar, amar, imaginar, sonhar. E todo o resto é abstração desse viveres, pois “apenas

neles cabe encontrar, aprendendo-os com pureza fenomenológica, as bases concretas para a abstração dos conceitos fundamentais, que representam seu papel sistemático na lógica, ética e estética”. **No entanto, seria um engano tomar a noção de vida como a que existe na vida cotidiana, pois, como afirma Husserl:**

Já não mais podemos ingenuamente dizer: vive-se. A origem do conceito de vivência reside na esfera dos ‘atos’ psíquicos, e se a extensão dos mesmos nos conduziu a um conceito de vivência que compreende também não-atos (as sensações), a referência a uma conexão que os subordine ou o incorpore a atos, em suma, a referência a uma unidade de consciência, segue tão essencial que se faltasse já não falaríamos de ‘viver’. (IL, 490, n. 2).

Daí já se pode entender que o mundo vivido é transcendental. O mundo vivido afasta-se radicalmente do empirismo e do mundo externo. Porém, mais especificamente no que a noção de vivência intencional colabora para afastar Husserl de Brentano?

Ora, precisamente a noção, tão cara a Brentano, herdada da escolástica de “inexistência intencional (ou mental) de um objeto” que será revisada, pois ela leva a mal-entendidos como os de objeto “mental” ou “imaneente”; ou seja, a posição brentaniana pode levar a equívocos à medida que se toma a noção de fenômeno como objeto que aparece. Ora, essa relação objetiva contém um resíduo teórico que precisa ser afastado para que se obtenha uma noção fenomenológica pura das vivências intencionais. Sobre o engano que muitas vezes comporta o termo “fenômeno”, afirma Husserl:

Ele não só está marcado por equívocos muito prejudiciais, como ainda supõe uma afirmação teórica duvidosa, que encontramos expressamente em Brentano: a de que toda a vivência intencional é um fenômeno. Como fenômeno designa em sua acepção predominante (também aceita por Brentano) um objeto aparente como tal, isto implica que toda a vivência intencional não só tem referência a objetos, senão que ela mesma é objeto de certas vivências intencionais; pensamos aqui principalmente naquelas vivências que nos dão o fenômeno de algo no sentido mais estrito, ou seja, nas percepções: “todo fenômeno psíquico é **objeto** da consciência interna”. Mas já alertamos que grandes dúvidas nos impedem de aceitar essa afirmação (IL, p. 494).

Ou seja, é altamente duvidoso falar-se aqui de objetos percebidos.

dos, julgados, amados, etc. E também de que esses objetos, seja de modo perceptivo ou representativo “entram na consciência” ou, ao contrário, de que a “consciência entre em relação com eles”. **Nesse sentido, erroneamente se começa também a afirmar que as “vivências intencionais contêm em si algo como objeto”.** Ora, esse tipo de expressão leva a dois mal-entendidos: “primeiro, que se trata de um processo real ou de um referir-se real que tem lugar entre a consciência ou o eu e a coisa ‘consciente’; segundo, que se trata de uma relação entre duas coisas que se encontram por igual realmente na consciência, um ato e um objeto intencional, algo assim como dois conteúdos psíquicos encaixados um no outro”. A noção de “objeto imanente mental”, portanto, é uma sedimentação ou hipostasiação das vivências que desde sempre são intencionais, pois, a rigor, “não há duas coisas que estejam presentes no modo da vivência, não é vivido o objeto e junto a ele a vivência intencional que a ele se dirige. Aqui só está presente uma coisa, a vivência intencional, cujo caráter descritivo essencial é justamente a intenção respectiva... E obviamente, tal vivência pode existir na consciência com esta sua intenção, sem que exista o objeto. O objeto é intencionado, isto é, o ato de intencioná-lo é vivência; mas ele é meramente intencionado; e em verdade não é nada” (IL, p. 494, 495). **Em resumo, a redução fenomenológica é a eliminação de toda a exterioridade.** E reduzir, portanto, o objeto a um nada é atingir a essência do efetivamente vivido, e essa é a autêntica conquista da fenomenologia transcendental.

O âmbito psíquico de Brentano, mesmo tendo dado um passo importante na noção de intencionalidade, está todavia preso teoricamente aos objetos imanentes. (Os objetos imanentes são os que convertem os atos intencionais em coisas, isto é, objetos imanentes paralisam a dinâmica da intencionalidade. É quando na sua atividade intencional a consciência se depara com algo que não é intencional. Esse é o objeto imanente à consciência que precisa ser afastado para que não haja solução de continuidade entre a intenção e a ação). E este é um preconceito metafísico que impede de acessar à redução fenomenológica pura da consciência em sua efetiva vivência intencional e, desde aí, descortinar o cenário transcendental do mundo vivido.

Mas a crítica de Husserl a Brentano não deixa de reconhecer os méritos deste, pois as conquistas da fenomenologia transcendental só foram possíveis porque Brentano insistira na sua releitura de Aristóteles em priorizar a vitalidade do psíquico. Ora, em Husserl esse dinamismo se encontra nas vivências da consciência. São, enfim, as vivências que constituem a pureza transcendental do mundo vivido. Como afirmamos no início, o grande projeto husserliano era o de aprimorar a filosofia como uma ciência rigorosa e, portanto, capaz de estabelecer o fundamento de todas as outras ciências, e, pelo visto, sua insistência na intencionalidade da consciência o levou à noção de mundo vivido perpassado de vivências sentimentais e emocionais das quais nenhuma teoria pode se afastar sem operar no vazio., a própria redução fenomenológica do eu puro ou transcendental significa a conquista de um âmbito imune à atitude naturalista e, portanto, a todas as teorias. A redução fenomenológica, tal como a concebeu Husserl, é então o pressuposto para uma faxina da metafísica. Ora, essas posições abriram caminho para o mais importante e radical de seus discípulos: Martin Heidegger.